

TEMPLO DE S. GONÇALO D'AMARANTE.

S. GONÇALO d'Amarante, tão venerado nas províncias do norte como Santo Antonio em todo o reino, teve o berço na limitada aldêa de Arriconha á beira do pequeno rio Vizella, termo de Guimarães: poucas memorias ha de sua meninice, mas sabe-se que nascêra da nobre familia dos Pereiras: crescendo em virtudes, destinou-se ao estado ecclesiastico, para o que se preparou, e seguiu os estudos, no paço do arcebispo de Braga com tal aproveitamento e exemplar vida, que o prelado o proveu sendo ainda sacerdote moço na igreja de San-Payo de riba de Vizella com o titulo d'abbade: foi cumpridor fiel dos seus deveres, e zelosissimo do bem do rebanho que lhe haviam commettido; e só o deixou para levar a cabo a peregrinação, que intentára a Roma e a Terra-Santa: tornou á patria depois de dilatada ausencia de quatorze annos, mas achou usurpada a igreja pelo encommendado que nella deixára, o que o poz em muito apuro de pobreza: deu-se então a fazer missões por todo Entre Douro e Minho com verdadeiro zêlo evangelico, a cujo respeito diz o elegante chronista dominicano. — «Era o tempo miseravel em desconcerto de vidas, e cegueira nas cousas da fé. Foi sua prégacao tocha para as ignorancias, norte e guia para desviar dos perigos da culpa e encaminhar os peccadores para o céu. Ensinava e allumiava, como pai zeloso a filhos amados. No meio destes cuidados tomava como ferias alguns dias para si. Buscava logares solitarios em que dêsse pasto ao espirito de divinas contemplanções. Era naquella idade verdadeiro deserto todo o sitio e comarca, onde hoje é a villa d'Amarante, sitio não só ermo, por apartado da gente e povoado, mas temeroso por altura de montes, profundeza de valles, aspereza de penedias e mattas espessas, e sobre tudo pela corrente impetuosa e escura, com que profundamente lhe lava as raizes o rio Tâmega, entalado aqui com outras montanhas

da parte contrária, igualmente dependuradas e agras, e que fazem crêr a quem está sobre ellas que não pôde haver divisão, nem corrente d'aguas em meio. Acrescenta horror a vista da empinada serrera do Marão, que coberta de neve, grande parte do anno, parece ficar pendente sobre as cabeças. Neste posto se escondia, e achava sua alma tanta consolação [devia ser com a lembrança de outros semelhantes que víra nos desertos de Palestina e ribeiras do Jordão] que veio a edificar nelle uma pequena ermida, que dedicou á Virgem Mãe de Deus, para o lograr mais de assento, quando podesse.»

Andados tempos entrou na ordem religiosa de S. Domingos, na casa de Guimarães, admittido por outro varão portuguez, de quem reza tambem a Igreja, S. Pedro Gonçalves Telmo, santo a que os navegantes professam grande devoção. Julga-se que tomára o habito no anno de 1251. Disputaram os monges beneditinos aos frades dominicanos a gloria de terem por confrade a S. Gonçalo, sobre o que houve porfioso litigio, e se deu sentença em Roma, no anno de 1615, a favor da Ordem de S. Domingos.

Religioso professo, continuou Gonçalo a luzir em santidade, empregando-se no ministerio da divina palavra: e entre as suas mui dignas empezas é sem duvida memoranda a edificação da ponte d'Amarante; obra [segundo as expressões do citado chronista] que para muitos povos juntos fôra de grande carga, e para um rei parecêra muito custosa, quanto mais para um pobre frade que de seu não tinha mais que o breviario em que resava (*). Cheio de zêlo fervoroso, sollicitando esmolas, convidando a gente das visinhanças, e dirigindo os trabalhos, sahiu com seu intento levantando a obra proveitosa. Narram os historiadores de sua vida por essa occasião varios milagres.

(*) 3.^a Parte da Historia de S. Domingos

Na ermida e local da sepultura do santo [que ainda se venera] se erigiu o mosteiro, de que fizemos menção a pag. 34 deste vol., e que se vê representado em nossa gravura, tal como se achava no seculo passado. A pedido da villa de Guimarães, e por persuasão dos frades de S. Domingos, elrei D. João 3.º, grande amigo e patrono destes, mandou metter mãos á obra, que teve comêço em 1543, tratando-se de a effectuar desde 1540.

Para que a capella-mór ficasse no sitio da sepultura de S. Gonçalo foi mister empregar grandes diligencias e não menos despezas: pendendo sobre esse logar um monte alto e fragoso, tiveram de o desfazer a picão «mas, [para nos servir-mos outra vez dos termos de Fr. Luiz de Sousa] tudo vence um trabalho aturado. E se fôr bafejado do céu, que cousa lhe poderá resistir! Ficou o monte talhado a prumo, tanto até as entranhas e centro d'elle, que corre toda a igreja a olivel com a sepultura do santo: e alem de todo o comprimento della, que é grande, faz no mesmo andar uma boa rua, entre a porta principal e a rocha, que dá serventia para a portaria do convento. Mas aqui se mostra e é de vêr o muito que se alcançou com a força e mãos dos homens: porque sobe a rocha talhada e direita para o céu, como se fóra um muro de uma só pedra; e em tanta altura que senhoreia todo o convento e o mais alto ponto do telhado da igreja. Ficou o convento com dois claustros, e suas fontes; obra bem feita, mas moderada na grandeza, como convinha para em terra fria, e pela baixezza do sitio ser sujeita a grandes nevociros e humidades: os dormitorios, ao mesmo respeito, de bom gasalhado mais que fausto e sumptuosidade; cêrca grande de horta, e frescura de arvoredos, ao longo do rio, de propriedades que depois se foram comprando.»

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.

V.

DEPOIS de ter discorrido sobre dois dos pontos que escolheramos — vias de comunicação, e instituições de credito — resta-nos o terceiro que é a educação industrial, sobre o qual nos limitámos a notar que não contestando ninguem a necessidade della, nem sendo, no geral, resistida pelos prejuizos, o que já não é pequeno passo, comtudo o desenvolvimento de que carece está mais dependente do que se cuida de certos commodos sociaes que hão-de ir nascendo do incremento da riqueza publica; porque a marcha que ella segue é sempre esta — vir depois daquelles commodos e melhoramentos; imitando, neste caso, as sociedades e os estados aquillo mesmo que usam, com bem raras excepções, os particulares, que é não curarem do seu aperfeiçoamento sem terem adquirido a segurança da subsistencia, e de certas fruições que tornam agradável a vida.

Accusando o nosso atrasamento em todos estes ramos, não devemos occultar que se observam symptomas de melhora comparativa em alguns. É um artigo da nossa fé que os esforços do interesse particular são mais efficazes para o bem da sociedade do que a desvigilancia, os erros, e as dissipações dos governos o são para o detrimento della. Consoladora como esta crença é, ainda te-

mos penhor mais seguro de que não somos exemplo contrario ao principio regulador do progresso economico das nações. Descubrem-se, entre nós, signaes que nunca mentiram de crescimento industrial. Antes de os apontar, vejamos quaes contam nessa classe economistas de celebridade nas quatro escholas em que se divide a sciencia, e nas cinco principaes nações da Europa.

Segundo Smith (1) é um destes signaes a elevação no preço da caça, porque a caça multiplicando-se e barateando na proporção das terras incultas, diminue e encarece á medida que estas se vão cultivando — isto é — á medida que a riqueza nacional augmenta. Outro signal é a elevação no preço do gado, o qual diminue e encarece á medida que os terrenos de pastagem se vão convertendo em terras de lavoura. E a elevação no preço dos cereaes que denota a necessidade de explorar, ou o facto da exploração de terras de inferior qualidade em consequencia de augmento no consumo, augmento que resulta sempre de um acrescimo na produção. O ultimo signal é a baixa no preço real dos productos fabris, que é sempre nascida de melhor divisão de trabalho, de aperfeiçoamento na industria e nas machinas, e de abundancia de capitaes; tres demonstradores infalliveis de que um paiz vae prosperando.

Say repete, por outras palavras, a mesma doutrina no que toca a productos da agricultura, guardando silencio sobre os cereaes, talvez porque sobre a renda agricola segue theoria differente da ingleza. Mas é a excepção, pois a regra geral, o verdadeiro thermometro de que se auxilia para medir a prosperidade de uma nação é o gráu de barateza dos productos, os quaes o são tanto mais quanto menos custaram a produzir; e o valor da fortuna ou renda dos particulares tanto maior quanto mais forem os productos que possam obter com ella.

Storch adopta, geralmente, a opinião de Smith (2): mas o seu meio particular de avaliar a condição economica das nações é este: divide-as nas que emprestam, e nas que pedem emprestado: ás primeiras considera — ricas, ás segundas — pobres (3).

Rau (4), assentando ser mais facil formar idéa clara da riqueza de uma nação comparando-a a outras, do que comparando entre si as fortunas dos seus naturaes, olha como indícios de que um povo é mais rico do que outro, os seguintes — modo de viver das classes de operarios, ou gozo que lhe permite o seu rendimento — natureza e importancia das emprezas em que se interessam os cidadãos — grandeza das despezas governativas, feitas com fins de utilidade publica, quando a nação as supporta sem ruina e sem empobrecimento — emprestimos tomados ou feitos ao estrangeiro — e distribuição das fortunas pelo maior numero.

Schmalz (5) contempla como signal de que uma nação prospéra ganharem as ultimas classes, pela sua industria, alem do necessario; estender-se o *luxo* [palavra com que elle designa a satisfação de

(1) *Recherches, &c.* — traducção de Garnier tom. 2.º pag. 139 e seguintes. — Paris 1802.

(2) *Cours d'Econ. Pol.* tom. 2.º pag. 101 até 105 — Paris 1823.

(3) Tom. 1.º pag. 226 até 228.

(4) *Traité d'Econ. Pol.* Traducção de Kemmeter pag. 66 e 67 §§ 80 e 81 — Paris 1840.

(5) *Econ. Pol.* — traducção — tom. 1.º pag. 10 — Paris 1826.

todas as precisões creadas pela civilização] pouco a pouco; augmentando-se nas classes superiores em gradação tal que os seus gozos não contrastem com as privações das outras..

Verri (6) descobre na multiplicação da população o annuncio infallivel do crescimento productivo.

Sismondi (7) objecta a cada um dos symptomas de prosperidade, quando isolados, poderem induzir em erro: em seu conceito um acrescimo de população, ou de producção, ou de exportação, ou de numerario não prova que o paiz onde acontece seja feliz, nem mesmo que se enriqueça: mas a proporção, a justa relação entre estes progressos, conservando a todos o commodo, essas provam.

Ferrier (8) assevera que uma nação é tanto mais rica quanto mais artigos de consumo produz annualmente.

Flôres Estrada (9) julga que a unica medida exacta por onde se pôde apreciar a prosperidade de um paiz é a elevação dos lucros que dá o seu capital, porque essa elevação provém necessariamente ou da sua industria ser mais productiva, ou da faculdade de accumular e augmentar a riqueza e a população ser maior; em quanto ao contrario, a diminuição dos réditos procede necessariamente da industria ser menos productiva, de ter diminuido a faculdade de accumular a riqueza, e enfim de terem augmentado os obstaculos que estorvam o progresso da população.

Malthus (10) affirma que o trigo tende naturalmente a subir de preço á medida do adiantamento da sociedade, o qual, augmentando o consumo, obriga a recorrer a terrenos menos fertéis e de mais dispendiosa cultura; e que por uma rasão inteiramente opposta — a diminuição nas despesas do fabrico nascida do aperfeiçoamento successivo da industria e das machinas — o preço dos artefactos tende a baixar á medida que se amplia a riqueza nacional. Reputa, pois, por caracteristico deste desenvolvimento a alta no preço do trigo, e a baixa no dos productos fabris.

Por differentes ou encontradas que sejam as opiniões destes auctores na questão de que se trata, ha comtudo um testemunho de adiantamento economico que nenhum delles recusa, confessando-o uns, e outros admittindo-o implicitamente, em suas obras. Esse testemunho de progresso que todos aceitam é o acrescimo na cultura e producção dos cereaes. Estará estampado em nossos campos este documento de prosperidade? Sem duvida! A abundancia mora hoje em districtos agricolas onde a escacez e a pobreza reinavam ha dez annos. Povoações apoquentadas estão convertidas em terras florecentes. Numerosos trabalhadores se alevantam á cathegoria de pequenos proprietarios. E quantos, pequenos proprietarios antes da reforma, depois que meia duzia de leis lançaram sua benção ao solo, não estão deitando á terra mais charruas do que, em tempo anterior, deitava o mais poderoso dos seus visinhos? Não importámos de fóra um bago

de trigo, nós que ainda ha pouco veriamos morrer de fome a 160 mil dos nossos compatriotas se não comprassemos a paizes estrangeiros o pão para alimenta-los. Os cereaes que importavamos pelo terceiro e outros portos seccos e molhados, tomando um termo medio entre os annos decorridos desde 1796 até 1819, montavam annualmente a 100:000 moios, ou pouco mais; e tomando outro termo medio entre os annos decorridos desde 1779 até 1834, chegavam a 89:600 moios por anno. Quanto dispendiamos na compra destes 89:600 moios? 2:500 contos, reputando o trigo a 600 r.º o alqueire, e a 300 r.º os outros cereaes. Produzindo nós agora o genero que compravamos, que somma acrescentámos áquella que representa a renda bruta do paiz? 1:075 contos, estimando a 200 r.º o alqueire de trigo, e das outras especies; estimação a que ninguém chamará exorbitante. Se considerarmos o que deixámos de dispendir com cereaes estrangeiros, são 2:500 contos. Mas se attendermos á verdadeira vantagem que alcançámos, a renda addicional que havemos de lançar em receita são 1:075 contos, os quaes se distribuem em cinco partes — uma em salarios pelo trabalhador — outra em rendas pelo proprietario — outra em lucros pelo rendeiro — outra em juros pelo capitalista que empresta e adianta ao lavrador — outra em impostos que recebe o estado. Se, contemplando sómente o principio da riqueza, desprezarmos o elemento da felicidade, e contarmos como quantidades negativas a vida, a subsistencia, a receita do trabalhador, do rendeiro, do capitalista, e do estado, supprimindo, eliminando como verbas de despeza as verbas que a estes tocam nos 1:075 contos, para deduzir, em ultimo resultado, a renda do proprietario liquida de todo o gasto, e offerecer o fructo da arvore sem avaliar nem o trabalho do tronco, nem o dos ramos, nem o das folhas, nem o de quantos agentes externos cooperaram para fecunda-la — ainda assim, o valor desse fructo, dessa renda liquida — esqueleto descarnado, mas riqueza na mais escrupulosa accepção do termo — será um valor consideravel. Seja este valor ou renda liquida 50 contos que é menos de 5 por cento da renda total: estes 50 contos correspondem a um capital de 1:000 contos incontestavelmente acrescentado aos capitaes da nação. E não só esse, senão tambem outros em bemfeitorias, em gados, em utensilios ruraes que se hão de ter amontoados, porque sem elles não seria crível um augmento de cultura como temos visto.

Haverá, alem deste, outros indicios de melhoramento? Não posso duvidar de que os ha, porque os encontro no crescimento de alguns ramos da receita publica. Para demonstrar este crescimento estabelecerei um ponto de partida e um termo de comparação. Seja a epocha de 1820. A confrontação de certos rendimentos publicos dessa epocha com os seus analogos na actual demonstram augmento attendivel nos ultimos. Tenho diante dos olhos um mappa dos rendimentos da mesma epocha, e o orçamento de 1843 a 1844, e comparando um com outro não affirmarei quanto o producto do correio — da decima — do real d'agua — do subsidio litterario tem augmentado; e o rendimento das alfandegas mostrado-se igual aos tempos mais prosperos do nosso commercio. — E não o affirmarei, não só porque orçamento e receita definitiva não são a mesma cousa; mas ainda porque os dados, existentes, de receita definitiva não poderiam entrar no meu calculo sem os sujeitar a alguns descontos, cuja jus-

(6) *Econ. Pol.* — traducção — pag. 108 e 109 — Paris 1799.

(7) *Etudes, &c.* tom. 2.º pag. 168 e 169 — Bruxelas 1838.

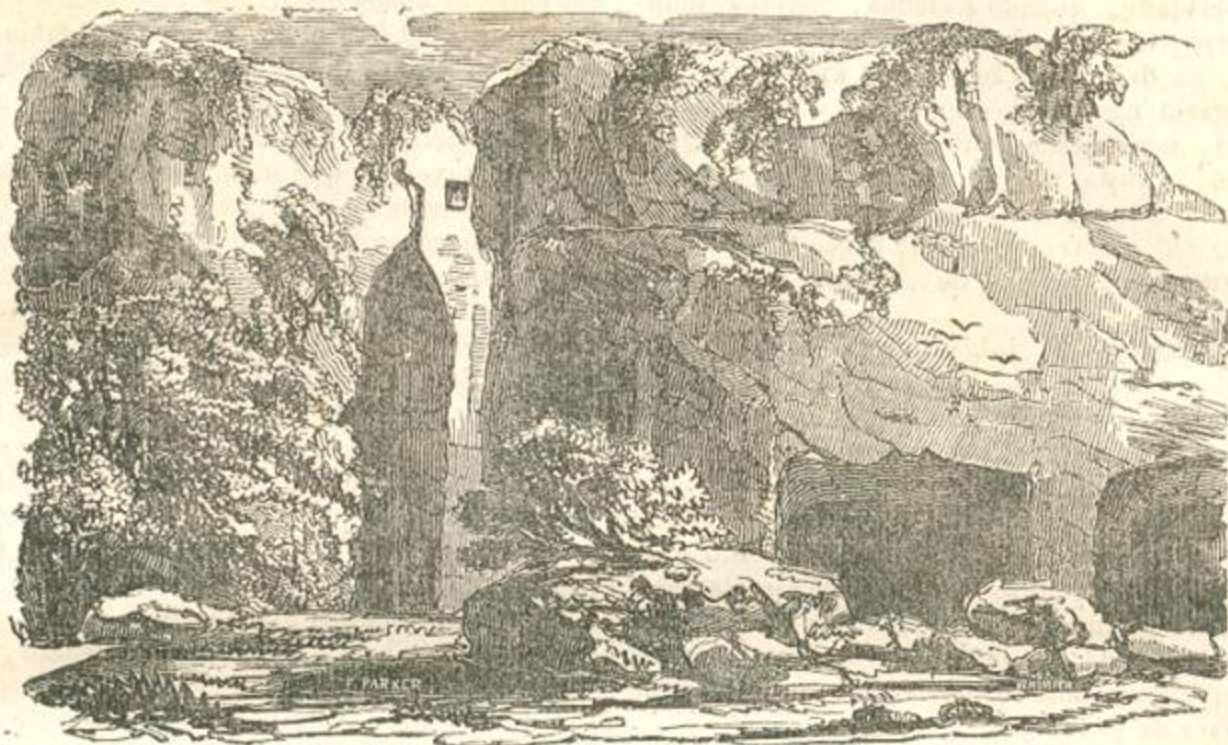
(8) *Du gouvernement dans ses rapports avec le commerce* pag. 6 — Paris 1833.

(9) *Cours, &c.* — traducção de Galibert — tom. 1.º pag. 194 e 195 — Paris 1833.

(10) *Principes, &c.* traducção — tom. 1.º pag. 276 — Paris 1820.

tificação seria prolixa e minuciosa demais para um artigo de jornal, e sobretudo enfadonha para os que o lêem. Mas assevero, sem temor de errar, que aquellas cinco fontes de receita que aponteï, tem *engrossado*, algumas notavelmente. E para mim tenho que um augmento no rendimento do correio se em parte póde indicar melhor arranjo e systema,

que não disputo, neste estabelecimento, na maior parte indica maior numero de transações commerciaes, e até, diria eu, que maior numero de pessoas com noções de leitura e escripta, se assim como me proponho averiguar symptomas de progresso na riqueza, fosse meu intento buscar indícios d'elle na civilisação.—(Continúa). A. d'O. Marreca.



A CAVERNA DE DIONYSIO.

As CAVERNAS fundas appresentam muitas vezes a geral estructura do orgão do ouvido, accommodada para receber e reflectir o som. Ha uma na Sicilia, em que se nota artificio humano; é combinada esta circumstancia com algumas ruinas, e certas disquisições de antiquarios: parece que ahí fóra o decantado carcere do tyranno da Sicilia, que [dizem os antigos fabuladores] o mandára construir sob as abobadas de um seu palacio, com tal estructura que havia um conducto encaminhado a uma camara, secreta, onde quem applicasse o ouvido podia escutar quanto na prisão se dizia; e era essa a prisão dos criminosos contra o estado, isto é, daquelles de quem se arreceiava a tyrannia de Dionysio. — É necessario saber que em Syracuse houve desse nome dois tyrannos, como então chamavam aos que regiam os estados com poder quasi absoluto, ou usurpavam o mando supremo, posto que se conservassem certas convocações de assembleas populares em tempos incertos, e outras formulas das republicas gregas, donde a Sicilia tomou em muita parte leis, costumes, e industria. Esses dois homens, Dionysio o velho, e seu filho do mesmo nome, appellidado o moço, viveram e dominaram entre os annos 430 e 344 antes da era de Christo. O primeiro sobresahiu nas discordias civis da sua patria, quando dividida nos bandos de Diocles e Hermocrates e prestes a cahir nas mãos dos cartaginezes, que invadiam toda a ilha, tendo-se já apossado de Agrigento. Com o favor popular, e o prestigio dos serviços politicos e militares para libertar Syracuse do jugo dos estranhos africanos, medrou e conquistou o primeiro logar da republica, promovendo a accusação e a quéda dos outros generaes e magistrados; e por fim fez-se o que chamavam tyranno, dominador do estado. Foi homem

habil, que senhoreou meia Sicilia, e ganhou possessões no continente italiano, teve allianças com as republicas gregas, rodeou a sua côrte dos sabios do seu tempo, cultivou as lettras e protegeu-as; porem ao mesmo tempo era fero, e ciumento, vingativo, e inclinado á rapina, tanto que espoliou os templos e a este respeito conta Cicero anedotas engraçadas. Commetteu atrocidades, condemnou cidadãos justos; mas quanto ao modo de exercitar as crueldades contaram alguns escriptores cousas, que hoje ninguem acredita: tal é a historia do touro de metal onde as victimas eram encerradas para que o fogo as assasse lentamente, sahindo pelas ventas do touro os clamores dos miseraveis por tal forma modificados que imitavam os berros e bramidos do animal que representava. A fabrica da prisão especial e o conducto auscultatorio no palacio de Dionysio é provavelmente outra patranha. — Alguns attribuem ao filho as crueldades do pai; verdade é, segundo os mais acreditados historiadores, que este sem possuir os talentos do progenitor não degenerou antes requintou em malicia. — O fim que tiveram foi este: o pai morreu d'embriaguez e enfartação de comidas n'um banquete, no anno 367 antes de Christo, contando de idade 63 annos, e de governo 38. — O filho, expulso de Syracuse, pela expedição de gregos sahidos de Corintho, capitaneados pelo famoso Timoleon, e requeridos pelos subditos que não podiam supportar o tyranno, veio a acabar na Grecia, na cidade de Corintho, para onde o mandaram; ahí ensinou meninos, e confundiu-se com as mais ordinarias classes da povoação; o que elle fazia de proposito, para ser esquecido, se é verdade o que relata Justino no liv. 21.º cap. 5.º de suas historias.

DUAS EPOCHAS E DOIS MONUMENTOS, OU A GRANJA REAL DE MAFRA.

Houve entre nós um rei nascido com uma indole generosa e magnifica: foi D. João 5.º Favoreceu a fortuna a grandiosidade do seu animo. Durante o reinado deste principe as entranhas da America pareciam converter-se em ouro, e a terra brotar diamantes para enriquecerem o thesouro portuguez — e o nosso primeiro rei do seculo 18.º pôde emular Luiz 14.º em fasto e magnificencia. Há, porem, differenças entre os dois monarchas: Luiz 14.º, mais guerreador que guerreiro, malbaratou o sangue de seus subditos em conquistas estereis; D. João 5.º mais pacífico que tímido, comprou sempre, sem olhar ao preço, a paz externa dos seus naturaes. Luiz 14.º levou a altissimo gráu d'esplendor as letras e as sciencias: D. João 5.º tentou-o; mas ficou muito áquem do principe francez. Devemos todavia lembrar-nos de que Luiz 14.º era senhor de uma vasta monarchia, e D. João 5.º rei de uma nação pequena. Uma litteratura extensa e ao mesmo tempo vigorosa só apparece onde ha muitos homens. É como a grande cultura, que só pôde fazer-se em opulentas propriedades, e dilatados terrenos.

D. João 5.º teve como Luiz 14.º o seu Louvre; mas um Louvre em harmonia com o caracter, não tanto religioso como beato e hypocrita, do seu paiz naquella epocha. Mafra ficou duvidosa no desenho, entre o mosteiro e o palacio. As duas entidades architectonicas compenetraram-se ahí d'um modo inextricavel. A purpura está lá remendada de burel; o burel alindado com purpura, e o sceptro de rei enlaça-se com a corda d'esparto, ao passo que a alpargata franciscana ousa pisar os degraus do throno. Os que sabem quão corrompidos foram os costumes em Portugal no principio do seculo passado, e quão esplendido e ostentoso foi o culto divino; quão brilhante foi a côrte portugueza nesse tempo, e por quão frouxas mãos andou o leme do estado, não precisam vêr Mafra. Mafra é a imagem de tudo isso.

Um grande edificio, fosse qual fosse o destino que seu fundador lhe quizesse dar, é sempre e de muitos modos um livro d' historia. Os que nelle buscam só um typo por onde asserir o progresso ou decadencia das artes na epocha da sua edificação, lêem apenas um capítulo desse livro. Os castellos, os templos, e os palacios, — triplice genero de monumentos que encerra em si toda a architectura da Europa moderna — formam uma chronica immensa, em que ha mais historia que nos escriptos dos historiadores. Os architectos não suspeitavam que viria tempo em que os homens soubessem decifrar nas moles de pedras affeioadas e accumuladas a vida da sociedade que as ajuntou, e deixavam-se ir ao som das suas inspirações, que eram determinadas pelo viver e crêr e sentir da geração que passava. Elles não sabiam, como os historiadores, que no seu livro de pedra, tambem como nos daquelles, se podia mentir á posteridade. Por tal motivo foi a architectura sincera.

Mafra é um monumento rico, mas sem poesia, e por isso sem verdadeira grandeza: é o monumento de uma nação que dormita apoz um banquete como os de Lucullo: é o toucador de uma Laes ou Phrine assentado dentro do templo do Deus dos christãos, e sob outro aspecto, é a beataria d'uma velha tonta, affectando a linguagem da fé ardente e profunda d'Origenes ou de Tertulliano.

Sem contestação — Mafra é uma bagatella mara-

vilhosa, o dixe de um rei liberal, abastado, e magnifico; é pouco mais ou menos o que foi Portugal na primeira metade do seculo 18.º

Collocai pela imaginação Mafra ao pé da Batalha, e podereis entender quanto é clara e precisa a linguagem destas chronicas, lidas de poucos, em que as gerações escrevem mysteriosamente a historia do seu viver. A Batalha é grave como o vulto homerico de D. João 1.º, poetica e altiva como os cavalleiros da ala de Mem Rodriguez; religiosa, tranquillia, santa como D. Philippa rodeada dos seus cinco filhos. As mãos que edificaram St.ª Maria da Victoria, meneando as armas em Aljubarrota, deviam ser vencedoras. A Batalha representa uma geração energica, moral, crente: Mafra uma geração afeminada, que se finge forte e grande. A Batalha é um poema de pedra: Mafra é uma semsaboria de marmore. Ambas, ecchos perennes que repercutem nos seculos que vão passando a expressão complexa, e todavia clara e exacta, de duas epochas historicas do mesmo povo, sua juventude viçosa e robusta, e sua velhice cachetica.

O caracter de um monumento do tempo presente não pôde ser por certo um edificio gigante, um templo, ou um palacio. Onde as crenças religiosas vacillam como a luz que se apaga, o templo seria uma pagina d' historia fabulosa: onde a pobreza extrema substitue a riqueza, um tanto estúpida e fastosa com máu gosto, o palacio esplendido seria um capítulo anachronico. O monumento deve resumir a sociedade, e em nenhum desses generos de *memorandum* se acharia representado o actual existir.

Que somos nós hoje? Uma nação que tende a regenerar-se: diremos mais: que se regenera. Regenera-se, porque se reprehende a si propria; porque se revolve no lodaçal onde dormia tranquillia; porque se irrita da sua decadencia, e já não sorri sem vergonha ao insultar d'estranhos; porque principia, enfim, a reconhecer que o trabalho não deshonra, e vai esquecendo as visagens senhoris de fidalga. Deixai passar essas paixões pequenas e más que combatem na arena politica, deixai fluctuar á luz do sol na superficie da sociedade esses corações cancerosos que ahí vedes; deixai erguerem-se, tombar, despedaçarem-se essas vagas encontradas e confusas das opiniões! — Tudo isto acontece quando se agita o oceano; — e o mar do povo agita-se debaixo da sua superficie. O sargaço immundo, a escuma fétida e turva hão-de desaparecer. Um dia o oceano popular será grandioso, puro e sereno como sahiu das mãos de Deus. A tempestade é a percursora da bonança. O lago asphaltite — o Mar-Morto — esse é que não tem procellas.

O nosso estrebuxar, muitas vezes colerico, muitas mais mentecapto e ridiculo, próva que a Europa se enganava quando cria que esta nobre terra do ultimo occidente era o cemiterio de uma nação cadaver. Vivemos: e ainda que semelhante viver seja o delirio febril de moribundo, esta situação violenta, aos olhos dos que sabem vêr, é uma crise de salvação, posto que dolorosa, e lenta. Confiemos e esperemos: o nome portuguez não foi riscado do livro dos eternos destinos.

Um dos signaes evidentes da restauração social do paiz, e ao mesmo tempo o caracter mais notavel que distingue esta epocha é o seu movimento industrial — industrial na mais extensa significação da palavra. — Primeira entre as diferentes industrias é a agricultura, e a agricultura tem incontestavelmente sido o nosso principal progresso.

Qual será portanto o monumento que melhor resume este periodo de regeneração? — Será o aspecto do solo, o viço dos campos, a abundancia substituida á escaceza na morada do homem laborioso. Arroteai algumas geiras de terra: em um marco esculpi a data dessa transformação: cobri a superficie de Portugal destes marcos. Eis ahi, não um, porem mil monumentos que significarão o espirito do presente.

Plantai o bosque na serrania escavada: que elle braceje virente para o céu, e enrede as suas raizes nas rachas da penedia. Agitada pelo vento, a selva com o seu rugir irá contando a cada seculo que nascer as tendencias laboriosas do nosso, que já começam a apparecer. Os cimos das montanhas são as verdadeiras aras de Deus: é lá que oravam as nações virgens. Santificai a vossa religião de patriotismo pelo culto universal e primitivo: o bosque murmurando com o espirar da aragem é um hymno ao Ancião dos Dias: que este hymno nos consagre a memoria ao amor e gratidão de nossos filhos!

Ao lado dos paços monasticos de Mafra, monumento de uma era de vaãs grandezas, vai-se hoje alevantando sem ruido o monumento modesto, mas eloquente e santo, da idéa progressiva da actualidade. Ao lado dessas pedras amontoadas, desses torreões gigantes, macissos, e pesadamente estupidos, serpeam já os prados virentes por veigas e valles, cubertos ainda ha pouco de abrolhos e urzes. Contrastando com os lanços de muralhas caídas da ochré, que amarelleja bestialmente, como um cordão de ouropel enfiado em diamantes, por entre a côr severa dos marmores tismados pelo tempo, vêem-se ao longo verdejar os pinheirinhos, que corream as alturas ao norte e oriente daquelle edificio monstruoso, hybrido, e extravagante como uma composição pseudo-poetica da Phenix-Renascida. As folhas de terra cultivada dilatam-se pelas chapadas e encostas, várias na côr segundo a altura das searas, ou conforme a qualidade do solo, nos sitios onde ainda as sementeiras não surgem no começo do germinar. É como um xadrez enorme, cujas casas se houvessem repartido ao acaso n'um taboleiro irregular e immenso.

A vontade real fez apparecer o edificio: outras Vontades Reaes fizeram nascer a granja-modelo. Para a primeira requeria-se ouro e força; para a segunda intelligencia e amor do paiz. O sceptro foi robusto e potente quando amontoou aquella penedia lavrada e esculpida: o sceptro é o symbolo da paz e da beneficencia quando em vez de converter pão em pedras, converte gandra bravia e esteril em um nobre exemplo que mostre ao povo onde está a sua derradeira esperança — o progresso da industria: e o amor do trabalho.

Para a maravilhosa inutilidade de D. João 5.^o gastaram-se por largos annos os milhões que de continuo nos entregava a America: o lidar accumulado de cincoenta mil homens consumiu-se em desbatar e pulir essas pedras hoje esquecidas, que apenas servem para alimentar por algumas horas a curiosidade dos que passam. É uma verdade cem vezes repetida, que o preço de Mafra teria coberto Portugal das melhores estradas da Europa; mas nem por ser trivial essa verdade deixa de ser dolorosa. E todavia tal preço era o menos! — As maldições submissas dos que foram arrastados de todos os angulos da monarchia para esta grande anudua nacional, e as lagrymas das suas familias, não as pôde suffocar a adulação cortezaã;

transsudaram até nós nas paginas da historia, e cahindo sobre o ataúde dourado do principe que as fez verter, deixaram a inscripção do seu nome manchada de uma nodoa que o tempo não gastará.

A vasta e risonha granja que veceja ao lado do negro e carrancudo edificio não custou uma só mealha dos dinheiros publicos; não arrancou uma lagryma. Não são maldições o seu fructo: são benções dos que vivem: serão no futuro benções da posteridade.

O convento-palacio, nascido sob manto de purpura, alegre na sua juventude e habituado a pompas de longos annos, ahi está, illustre mendigo, assentado hoje n'um como ermo, onde a vida robusta de seculos, que lhe fadára o fundador, se vai convertendo em anticipada decrepidez. Inutilmente com a sua grande voz de bronze elle pede que o abriguem das injurias das estações. As aguas do céu, filtrando-lhe por entre os membros, lá os vão lentamente desconjuntando, o sol cresta-lhe a fronte e faz prosperar os musgos, que lhe arrugam a rija epiderme: o vento redemoinha atravez das suas janellas mal seguras, e bramindo naquellas solidões do seu recinto, atira ao rosto das estatuas, aos acanthos dos capiteis, á face polida das paredes de marmore, o pó que tomou nas azas passando pelas serranias. No meio do estrepitar do mundo ninguem escuta o gemer do gigante de pedra; ninguem se lembra de tirar do peculio do estado a mais pequena somma para elle. E porque? Porque a sua miseria não falla aos corações nem aos entendimentos. Memorias gloriosas? Não as ha lá. Utilidade? Para que serve essa pedreira immensa.

A Granja, porem, de Mafra nem teme as aguas do céu, nem os raios creadores do sol: povoa os seus agros outeiros de pinhaes, a cujo abrigo zombará em breve da furia dos ventos. Não vae pedir soccorros á munificencia publica: — util já aos pequenos e humildes, sê-lo-ha tambem algum dia a Quem a fez nascer — util em proveitos materiaes, e, o que mais vale, em fructos de verdadeira gloria.

Ha quatro annos apenas, que os muros da cêrca ou tapada de Mafra, estirando-se como serpe monstruosa por tres leguas, atravez de valles e outeiros, encerravam um vasto maninho cuberto de çarcas rasteiras, onde raro se via alevantar uma arvore solitaria, curva e pendida pelo açoutar continuo das ventanias, ou algum pequeno e enfezado pinhal perdido no meio daquelles mattos inuteis. Era um symbolo de barbaria ao pé d'um symbolo de opulencia. O edificio e o parque pareciam significar no seu conjuncto — o orgulho tendo por fundamento o nada.

Ha tres annos ordenaram SS. MM. se comessem a desbravar esses terrenos incultos. O actual intendente das cavalheriças reaes, o Sñr. A. Severino Alves, foi encarregado de administrar as caudelarias alli estabelecidas, e da direcção daquelle arroteamento. Obra de uma sexta parte da tapada mais proxima do edificio destinou-se immediatamente para a cultura, e os trabalhos principiaram. O estado em que estes se acham, comparado com as despezas, proporcionalmente diminutas, que se tem feito, provam que talvez houvesse quem fosse tão digno de ser encarregado de realisar o pensamento generoso, nobre, e civilizador dos nossos Principes, mas que ninguem por certo o seria mais que o Sñr. A. Severino Alves.

O que vamos dizer não é completo; não é a his-

toria particularisada de tudo o que examinámos com os proprios olhos; porque não queremos ser prolixos. O nosso intento é ver se contribuimos para o verdadeiro progresso da terra em que nascemos. Se os grandes ou pequenos proprietarios que abandonam os seus campos e herdades, ou que despresam os meios de as tornar mais productivas, se mostram surdos ao bradar da imprensa e de todos os homens sisudos, revocando esta malaventurada nação á actividade e ao trabalho, que se envergonhem ao menos com exemplo que lhes dá o throno. Em quanto os governos e os parlamentos ponderam a conveniencia, a necessidade do estabelecimento das quintas d'estudo, em Mafra, sem ruido, sem verbosos relatorios e discursos, se vae estabelecendo e aperfeiçoando uma granja modelo, que esperamos faça sentir dentro de pouco á agricultura portugueza o seu benefico influxo. Certos de que SS. MM. se collocarão á frente do movimento agricola do paiz, porque o augmento da agricultura deve trazer a prosperidade aos seus subditos, neste journal, que se derrama por todos os angulos de Portugal, daremos noticia das experiencias que se forem fazendo, dos melhoramentos que se forem introduzindo nas propriedades do apanagio da Corôa. A nossa situação especial nos habilita para obter a este respeito exactas informações. A utilidade que dahi possa resultar aos agricultores, retribuam-na elles em gratidão aos Principes que souberam ser dignos do amor dos portuguezes, e entenderam plenamente o grave e progressivo pensamento deste seculo.

Escolbida a porção de terreno na tapada de Mafra, que se devia destinar á cultura, dividiu-se aquella parte em oito grandes tractos ou folhas, cujo arroteamento se tem seguido successivamente e sem interrupção até hoje.

O systema adoptado para este fim foi o melhor que era possivel imaginar. Alem da cultura feita á custa da Casa Real, vão-se distribuindo aos habitantes da villa de Mafra os terrenos que elles querem desbravar. O inteiro uso-fructo destes terrenos fica pertencendo por tres annos a quem os converte de maninhos que eram em terras araveis, e ainda que o solo da tapada me pareça de inferior qualidade, e se achasse muito deteriorado pelas plantas ruins de que estava cuberto, todavia essa cultura tem dado excellentes resultados. A producção da batata, planta tão conveniente para terrenos arroteados de novo, ha sidotal, que no anno passado se alevantaram na tapada 1:800 carradas deste util solano, cuja introducção na Europa tornou impossiveis as fomes espantosas, que d'annos a annos lhe desbastavam a povoação. Nessas encostas e veigas onde, tão pouco tempo ha, os olhos esmoreciam alongando-se pelos çarçaes, vêem-se estendidas as searas, os campos de milho e os batataes, e nos rostos dos habitantes da villa e dos districtos circumvisinhos, e nos seus trajos e porte, vê-se que se o amor da taberna tem diminuido, os habitos do trabalho, e por isso a abastança tem augmentado.

Mais de vinte egoas, mãis e filhas, e de quarenta poldros, constituem já uma caudalaria que vai adquirindo rapido crescimento. Cincoenta vaccas entre as de casta vulgar, torinas e de uma excellente raça asiatica, abi são tratadas com esmero talvez não inferior ao que se emprega na começada caudalaria. Os estabulos e curraes, ordenados pelos melhores methodos modernos, e com attenção a importantes considerações hygienicas, seriam um

bom modelo para aquelles que pensam reduzir-se o tractamento dos gados unicamente a dar-lhes muito de comer, não importa se bom ou máu.

Ainda que na granja de Mafra os animaes sejam alimentados, por via de regra, á manjadoura, systema hoje aconselhado nos paizes mais adiantados como preferivel por graves motivos, nem por isso deixa de haver neste estabelecimento agricola muitos prados pastaveis, compostos, alem da azevem, de uma mistura de certo numero daquellas plantas de que separadamente se compõe os artificiaes. Estes, porem, merecem com rasão os especiaes cuidados do Sñr. Severino Alves.

As plantas que constituem estes prados, tanto regados como seccos, são a luzerna, os trevos, branco e encarnado, o onobrychis [sainfoin], a anafa, a cenoura, e a ervilhaca. A cultura d'algumas destas forragens ainda se limita a diminutas experiencias, mas a de outras já tem adquirido bastante extensão. — Admirámos sobretudo um luzernal, onde o methodo da transplantação produziu magnificos resultados. Cada pé de luzerna lançando em roda os seus muitos rebentões ou filhos, fórma uma especie de mouta robusta, que produz em cada córte muito maior porção de pasto do que produziria uma superficie igual á que occupa, semeada de luzerna que não fosse transplantada.

O incremento que estes prados podem ter naquelles, d'antes tão pobres e tristes, hoje tão ricos e risonhos terrenos, é d'extrema importancia. Duas enormes lagóas, uma das quaes é constantemente refrescada e suprida por uma pequena veia d'agua perenne, foram limpas e vedadas, construindo-se canos subterrancos por onde se hajam de sangrar convenientemente. Estas lagóas, collocadas em certa altura, podem regar um valle extensissimo, optimo para o augmento de prados.

A silvicultura, essa parte tão interessante e tão bella da sciencia de agricultural, tem em Mafra um terrivel inimigo — o noroeste. Este vento sopra ahí com violencia extraordinaria. Alguma arvore silvestre, que vivia solitaria no meio daquelles matos rasteiros, vergada para sueste na altura das arancas, estende rachytica os seus ramos açoutados pelas ventanias quasi parallelas com a terra. Estabeleceu-se porem um systema d'abrigos, que deve dentro d'alguns annos tornar não só possivel, mas até facil, a propagação de arvores de floresta e de fructo. Os pinheirinhos bravos [*pinus maritima*] cobrem já os cabeços escalvados que se alevantam por meio das chapadas, encostas, e valles, e os castanheiros, carvalhos, e azinheiros bordam os caminhos: estes bosques, quando crescidos, annullarão em grande parte a violencia dos ventos, e então será possivel o plantio de outras arvores silvestres e fructiferas, principalmente das oliveiras, de que já se vão preparando extensos e bem ordenados viveiros.

Uma consideração que ocorre naturalmente ao imaginar semelhante extensão de cultura, é a dos adubos, e a do modo de os fazer progressivamente augmentar. Acerca deste ponto capitalissimo, daremos brevemente curiosas e interessantes noticias em um artigo especial. Então teremos occasião de fallar dos differentes methodos de amansar as terras, que progressivamente se vão introduzindo na granja de Mafra.

Os instrumentos aratorios e mais machinas do serviço agricola são construidos no mesmo estabelecimento em officina para isso principalmente de-

putada. Ahi se encontra a charrua ingleza, a araveça grande de uma aivéca, a pequena de duas, o semeador, as grades triangulares e de diversos feitios, o trilho de debulhar, o engenho de traçar cevada, carros inglezes, &c. alem dos instrumentos proprios do paiz construidos com perfeição.

Tal é o rapido quadro da transformação que apresenta uma parte desses maninhos inuteis da tapada de Mafra. Importante em si, semelhante transformação muito mais o tem sido pela influencia que o exemplo produz naquelles arredores: o agricultor, que por assim dizer palpa as vantagens que resultam de um systema illustrado de agricultar, vae abandonando as suas grosseiras usanças, que todos os discursos dos livros não alcançariam extirpar. Mafra está sendo um foco de luz, uma fonte de progresso agricola. Entre os beneficios que tem produzido este é porventura o maior. Aquella vasta granja, se proporciona a muitos a abastança, o alimento para o corpo, offerece a muitos mais as revelações da sciencia — o alimento para o espirito.

O edificio ahi está mendigo, abandonado, canceroso já, e inutil, ao lado da granja cheia de viço, rica, generosa, e abençoada d'esperanças. São dous monumentos de dous seculos diversos, ambos obras de Reis. Que a philosophia julgue um e outro, e julgue tambem as vontades e as intelligencias que fizeram surgir um e outro.

(A. Herculano.)

Botanica Medica.

N. B. Tendo recebido a seguinte memoria, não hesitámos em dar-lhe publicidade para que as autoridades e os facultativos, que exercitarem seus cargos na Africa oriental, verifiquem as propriedades dos vegetaes aqui mencionados; e tambem nos lembra que alguns pharmaceuticos poderão mandar buscar specimens, por onde se reconheça a sua utilidade e applicação.

Descripção de varias arvores, arbustos, hervas e plantas medicinaes que existem na villa de Tête, e da applicação que dellas fazem os naturaes do paiz aos usos mechanicos da vida, e nas doencas de que são atacados.

A VILLA de Tête está situada a 60 leguas ao noroeste da villa de Senna, a qual dista tambem outras 60 leguas da villa de Quilimane que está situada 5 gráus ao sul de Moçambique.

Arvores.

Muxeteco, ou raiz de Santo Agostinho, como lhe chamam em Moçambique. — A flôr desta arvore [que floresce nos mezes de novembro e dezembro] é pequena, amarella e cheirosa: dá umas váges côr de quina, do comprimento de mais de dois palmos, e feijão do tamanho de caróços de tamarindo: as váges depois de sêccas, servem de archotes para com elles entrarem nas concavidades onde se refugia o porco-espinho, para o apanharem.

A infusão da casca da arvore, e da raiz, applica-se a indigestões, dôres de dentes, colicas, vomitos, e a lavar feridas, para as fazer sarar: tambem provoca a menstruação.

Mucorongó. — Esta arvore é a que em Inhambane

chamam Jambalão, do fructo da qual fazem vinho e vinagre; a flôr é branca, redonda e semelhante á da mangueira ou sabugueiro; o fructo que dá, o qual se come, é como as azeitonas d'Elvas, e em maduras tomam a côr do vinho tinto e deitam çumo da mesma côr: o cosimento da raiz, tomado em banhos semicupios, faz recolher as hemorroidas e suspender a purgação, e a raiz cortada em bocados e enfiados em cordel a modo de contas e trazidos ao pescoço, é remedio para quem padece inflammação de olhos ou ophtalmia.

Mutarára. — A flôr é muito miuda e da côr das folhas; o fructo é do tamanho de ginja, e de côr amarella, quando está maduro é capaz de comer; a pelle muito rija, o caroço redondo e côr de vinho tinto: o cosimento da raiz applica-se em bochechos para a dôr de dentes. Como as asteas, pela maior parte, são direitas e flexiveis, é dellas que os negros fazem os arcos a que chamam uta. Esta arvore quasi sempre nasce em morros de Muxem.

Mupanda-panda. — O cosimento das raizes desta arvore, reduzido a papas ou a amendoada, applica-se aos que padecem do peito.

Chirussa. — A flôr é amarella, e semelhante á casula cheirosa, o fructo é como o caroço da maçã: o cosimento da casca pisada applica-se em banhos semicupios aos que padecem puxos, e a lavar chagas para as fazer seccar. As folhas machucadas e aquecidas fazem transpirar muito, e destruir a febre, esfregando o corpo com ellas.

Mutacha. — A flôr é miuda e côr de rosa secca, o fructo é muito doce, e do tamanho de azeitona miuda, e quando maduro toma a côr amarella; é então capaz de comer; depois de secco é pilado para lhe tirarem a casca, que reduzem a farinha, de que fazem papas misturando-lhe farinha de milho: a infusão da casca tomada em bochechos, é remedio para dôres de dentes; e bebida cura a hemorragia das vias menores; assim como bebendo o cosimento das cascas e raizes da mesma arvore se curam hernias.

Tussi, em lingua asiatica «curo.» — O fructo desta arvore são umas váges mui delgadas que dentro dão uma especie de algodão: os naturaes do paiz, e os asiaticos attribuem-lhe os mesmos effeitos e virtudes da quina, e por isso dão a beber, aos que tem febre, o cosimento da casca, e tambem com elle lavam as chagas para as fazer sarar.

Mupumpua. — As raizes desta arvore applicam-se ao curativo das boubas e da gonorrhéa, deitando-as de molho e bebendo a agua.

Goóo. — A flôr é miuda e amarella; o fructo é do tamanho de um grão, e em cachos que se conservam na arvore. Os negros servem-se deste fructo para verificar a certeza da arguição de feiticeiros de que alguns são accusados; para este fim pisam a casca, e deitando-a em agua fria a cóam depois de tomar uma tintura carregada, e lhe misturam uma porção de agua a ferver, tal que fique em termos de se poder beber, e dão ao arguido de feiticeiro duas, tres, até cinco gamellas desta agua para beber; se resulta evacuar por baixo, sustenta-se a arguição, e é punido como feiticeiro; e ao contrario se evacua por cima é absolvido.

A esta prova judicial chamam os negros e cafres — *muavi, ou lucasse.*

Citámos esta substancia, não pela superstição; mas porque pôde ter virtudes purgativas ou vomitivas.

(Continuar-se-ha.)